

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



GALLIS, Joaquim Alfredo (Lisboa, 1859 – Lisboa, 1910)

O autor de dois volumes que continuaram a *História de Portugal. Popular e Ilustrada*, de Manuel Pinheiro Chagas, subintitulados *Um reinado trágico*, e dedicados ao tempo de D. Carlos I, nasceu em 17 de novembro de 1859 e morreu em 24 de novembro de 1910. Jornalista, romancista, contista, tradutor e historiador, iniciou-se na imprensa, segundo várias fontes, no periódico *As Instituições*, em 1881 – assinou aí crónicas políticas e sociais, contos e poemas, com nome próprio e com um dos pseudónimos que mais usou (Rabelais). Em 1877, com 18 anos, tinha ingressado como escrevente nos serviços fabris do Arsenal de Marinha, onde o pai, Francisco Augusto Gallis, trabalhou durante 39 anos (reformou-se como apontador e chefe de secção). Logo em 1877, passou a fazer serviço na Capitania do Porto de Lisboa, tendo sido promovido a escrevente de 1.ª classe em 1894.

Escreveu para periódicos de forma continuada (*As Instituições; A Ilustração Portuguesa; O Universal; Tempo; Nova Alvorada; Ecos da Avenida; Jornal do Comércio; Diário Popular; O Manuelinho d' Évora*) ou episódica, como no *Correio Paulistano*, de São Paulo, de que foi correspondente em 1893, publicando as crónicas políticas “Correspondência de Lisboa”, assinadas por Rabelais.

Foi secretário de redação da *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* e sócio da Associação dos Jornalistas de Lisboa, fundada em 1896. Em 1895 escreveu quatro artigos no *Universal* sobre a organização, defeitos e virtudes do jornalismo, exortando os companheiros de profissão a fundar uma associação que defendesse os interesses comuns. Integrou os trabalhos da Liga Liberal, movimento político fundado por Augusto Fuschini após o *Ultimatum* de 1890, e desempenhou cargos públicos: além de escrivão do Arsenal da Marinha, foi secretário do governador civil de Lisboa e administrador do concelho do Barreiro.

Dedicou-se aos romances naturalistas – escritos que evidenciariam a observação direta da natureza e a análise rigorosa das histórias dos homens sem rodeios nem abstrações. Entre 1901 e 1904, publicou os 12 volumes de *Tuberculose Social*, destinados a denunciar os vícios e males da sociedade. Como uma tuberculose podia atacar qualquer dos órgãos do corpo, também “a moral pode estar tuberculosa em qualquer das suas múltiplas e complexas manifestações” (*Chibos*, 1901, p. 9). Cabia ao escritor não só declarar aos doentes a sua enfermidade como demonstrar aos saudáveis as causas da doença e a sua quota-parte de responsabilidade na propagação.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Dedicou-se, também, aos romances sensualistas, licenciosos, eróticos e pornográficos, com representações e descrições explícitas de sexo, vendidos aos milhares e abundantemente noticiados na publicidade dos jornais (como “Livros para homens” ou “Biblioteca do solteirão”).

Distinto jornalista e escritor afamado, estimado e ultrajado, reconhecido em Portugal e no Brasil, publicou cerca de 35 títulos. No Brasil saíram volumes de contos eróticos e muitas livrarias brasileiras possuíam uma categoria chamada “Obras de Rabelais”. Mais de uma dezena de obras estiveram proibidas durante o Estado Novo. Além de Rabelais, usou como pseudónimos Antony, Barão de Alfa, Condessa de Til, Duquesa Laureana, Kin-Fó, Ulisses e Katisako Aragwisa.

Em 1908, aos 49 anos, publicou o primeiro de dois volumes que continuavam a 3.^a edição da *História de Portugal. Popular e Ilustrada*, de Pinheiro Chagas, a quem chamava “mestre” (já continuada por Barbosa Colen e Marques Gomes). Para escrever a quente sobre o regicídio, a editora tinha escolhido “um escritor brilhantíssimo na forma, ponderado nas ideias, independente e, portanto, imparcial em política, homem que tem o braço afeito a publicações desta ordem” (*História de Portugal (Complemento)*..., p. 6). Gallis não era identificado “para mais desembaraçadamente poder tratar dos complexos e variados assuntos que constituem este reinado” (*Idem*), o que não o impediu de vincar a desesperança acerca da política, “essa coisa abjeta, baixa, desqualificada, sem elevação moral, nem honestidade social, sem brilho nem decência” (*Idem*, p. 8), a revolta perante o analfabetismo e a crítica à inação de D. Carlos I, “dando-se à vida mundana mais do que seria justo e à dos negócios do Estado menos do que devia” (*Idem*, p. 10). O segundo volume (1909) apareceu já assinado.

Verberou na *História de Portugal* a ideia de decadência das instituições, dos líderes e do povo. Numa sucessão de episódios ordenados cronologicamente, evidenciava uma mistura de factos e presságios, os primeiros envolvidos em ricas fontes de informação (discursos e decretos oficiais, manifestos, proclamações, notícias de imprensa, etc.). Mesmo defendendo que “para o historiador, a simpatia ou antipatia pessoal que lhe possam merecer as figuras (...) deve ser posta de parte para ceder apenas de justo direito lugar à crítica imparcial, serena, reta e honesta” (*Idem*, pp. 7-8), não evitou frequentes juízos moralizantes.

Autor de uma narrativa laica, antimilitarista, liberal e nacionalista, inscreveu-se numa elite lisboeta de funcionários e jornalistas cultivadores de múltiplos géneros textuais. Fino observador da cidade – A Lisbonolândia, “capital do país dos Papa-Moscas” (*Os Selvagens do Ocidente*, p. 8) –, pisou o terreno de políticos e decisores, coristas, atores e ladrões comuns, sob o fundo de uma multidão pobre e analfabeta, em torno da qual, e por entre as “brumas de uma selvajaria inaudita onde por todo o país campeia o assassinato, o estupro, a embriaguez, a vingança política pessoal, o clericalismo boçal e reacionário, e as romarias a vários oragos de parva invocação” (*Idem*, p. 8), tinham decorrido os 19 anos de reinado de D. Carlos.

Bibliografia ativa: *Sinopse dos homens célebres de Portugal desde a fundação da Monarquia*, Lisboa, Tipografia de João Carlos d’Ascensão Almeida, 1883; “A espera dos touros (Lisboa Contemporânea)”. A

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Ilustração Portuguesa. Revista Literária e Artística. Lisboa, Ano I, n.º 49, 1 junho 1885, pp.7-8; “Tipos de Lisboa. O Martinho de Arroios”. *A Ilustração Portuguesa. Revista Literária e Artística*. Lisboa, Ano III, n.º 16, 1 novembro 1886, pp.8-10; *Os Selvagens do Ocidente*, Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 1890; “A Kermesse (Divagações filosóficas)”. *Nova Alvorada: Revista Mensal Literária e Científica*. Vila Nova de Famalicão, n.º 2, 1 maio 1892, pp. 121-122; “Crónica”, *O Branco e Negro. Revista Semanal Ilustrada para Portugal e Brasil*. Lisboa, n.º4, 29 abril 1899, não paginado; Série *Tuberculose Social* (1. *Chibos*, Lisboa, Livraria Central, 1901; 2. *Os predestinados*, Lisboa, Livraria Central, 1901; 3. *Mulheres perdidas*, Lisboa, Livraria Central, 1902; 4. *Os decadentes*, Lisboa, Livraria Central, 1902; 5. *Malucos?*, Lisboa, Livraria Central, 1902; 6. *Os políticos*, Lisboa, Livraria Central, 1902; 7. *Sáficas*, Lisboa, Livraria Central, 1902; 8. *A taberna*, Lisboa, Livraria Central, 1903; 9. *Casa de hóspedes*, Lisboa, Livraria Central, 1903; 10. *A Sacristia*, Lisboa, Livraria Central, 1903; 11. *Mulheres honestas*, Lisboa, Livraria Central, 1903; 12. *Os pelintras*, Lisboa, Livraria Central, 1904); *A burla do constitucionalismo: autópsia à política portuguesa no atual momento histórico. A pantomima, os pantomineiros e as pantominices do nosso mundo político*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905; *História de Portugal (complemento). Um reinado trágico. Edição popular e ilustrada*. 2 Vols. Lisboa, Empresa da História de Portugal/Livraria Moderna, 1908-1909. “Trechos escolhidos”. *O Fluminense*. Rio de Janeiro, n.º 10028, 16 outubro 1916, p.1.

Bibliografia passiva: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Volume XII, Lisboa, Rio de Janeiro, s.d., p. 88; PEREIRA, João Manuel Esteves, RODRIGUES, Guilherme, *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico...* Vol. III, Lisboa, João Romano Torres, 1907, p. 659; [ARANHA, Brito], *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil continuados e ampliados por Brito Aranha*. Tomo XX (Décimo segundo do suplemento), Lisboa, Imprensa Nacional, 1911, pp. 141-142, 271, 331-332; PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo – Editores e Livreiros, 1996, p. 113, 146, 234, 274, 315; EL FAR, Alessandra, *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004; DUARTE, Aline Moreira, “Alfredo Gallis, o pornógrafo esquecido”, *Revista Graphos*. João Pessoa, vol. 19, n.º 2, 2017, pp. 7-20; MENDES, Leonardo, “Livros para Homens: Sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX”, *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n.º 53, 2017, pp.173-191.

António Henriques